

A SEMANA

DIRECTOR: VALENTIM MAGALHÃES

Redactor-gerente, MAX FLEIUSS.

Escritorio, rua dos Ourives n.º 71, 2.º andar.

Secretario da redacção, H. DE MAGALHÃES

SABBADO, 7 DE OUTUBRO DE 1893

EXPEDIENTE:

Assinatura annual.	12\$000
" semestral	7\$000
Numero avulso.	\$200
" atrazado	\$300

SUMMARY. — Historia dos sete dias, *José do Egypto.* — Cavacos medicos, *Dr. Sahen.* — O rabbi da Galiléa, *L. Rosa.* — Gazetilha litteraria. — Mangueira velha, soneto, *P. Rabello.* — Chronica dos livros, *O. Letrado.* — Bem-te-vil poesia, *C. Lopes.* — Os que surgem: *D. Amor, C. Dias.* — Depois de um arrufo, soneto, *R. Octavio.* — Os collegas. — Factos e Noticias. — Theatro, *P. Talma.* — Correio, *Eurico.* — Trat's á bola, *Frei Antonio.*

Historia dos sete dias

Dizem que no Pará chove todos os dias, indefectivelmente, e, quasi sempre, entre as duas e as tres—senão antes ou depois.

Assim, é trivial ouvir dizer entre homens e mulheres:

- Até logo.
- A que horas?
- Depois da chuva.
- Vou visitar-te amanhã.
- Pois sim, mas vae antes da chuva, que depois tenho eu de sahir.

Desde 6 de Setembro que nesta cidade vai-se arraiando um habito semelhante.

Em vez da chuva, o bombardeio.

A bala vae entrando em nossos costumes. A começo ella poz nos corações um grande medo, tão temerosa viuha e carregada; mas, depois, tendo-se verificado que, graças á inobumbravel estrella providencial que allumia e protege esta terra maravilhosa e abençoada, as balas, mesmo as de maior calibre, feriam e matavam em uma proporção tão pequenina e ridicula que não valia a pena incluil-a como elemento apreciavel na equação da vida quotidiana, a população accitou sem repugnancia nem medo esse incidente inevitavel e benigno.

Que é melhor: — abandonar o negocio, o emprego, a fonte de renda e andar noma-deando, com a familia ás costas e os chinellos no bolso, a cahir com todo esse peso sobre a panella magra dos amigos que moram longe, ou ficar em casa, bem aconchegado nos seus commodos e confortos, com o olho no emprego, a beber-lhe o leite facil e gordo, correndo, embora, o risco tenuissimo, de receber um cartão de visita dos revoltosos... sobre a cabeça?

O nosso bom povo, a quem não é a idéa da morte que apavora, mas a de morrer incommodamente, deslocado dos seus velhos habitos, entendeu que melhor, muito melhor era ficar.

E ficou, tendo voltado, trazida por aquelle raciocinio, a parte que fugira, apavorada pela novidade.

Por ventura não nos acostumámos ao bonde? E matará elle menos que o bombardeio?

Não encontro uma só pes-oa que não tenha tido uma parede furada, sobre cuja cabeça não haja estourado um *schnapnell* (*ciaknel* diz o povo) que não tenha passado sob uma talagarça de balas de canhão-revolver.

E todos accrescentam que não tiveram medo nenhum, que se fugiram para as suas casas foi sómente para tranquillisar as senhoras e as crianças.

Em summa, o povo vae perdendo o medo das balas. Congratulo-me com elle por esse passo grande e prometted-r na senda da sua libertação moral.

Medo de tiro é um prejuizo; o que mata não é a bala: é a entrada da bala no corpo.

Mas felizmente raras são as que se entregam a tal demasia.

Em geral, rasgam apenas o seio do espaço ou tiram o chapéo de arlequim de uma torre de igreja. Os canhões tem alma.

Uma vez habituado o povo fluminense á chuva de ferro e fogo, como o paraéuse á de agua do céu, só resta nma cousa a fazer para que seja completa a nossa ventura; e essa cousa é determiuar, marcar a hora da chuva... de balas.

Acho que para esse unico effeito podia muito bem entender-se o Governo com os rebeldes sem desdouro nem quebra da sua dignidade de força legal.

Das quatro ás ciuco é uma hora excellente; já todos despegaram de suas occupações, ingeriram seu "vermouth" e tomaram os bondes e vagões; já todos estão em casa ou bem perto della. A chuva não poderá apanhar senão raros retardatarios; mas a esses mesmos não ha de quebrar os ossos. E, depois, hão de se inventar guarda-chuvas apropriados.

Dessa forma, sabida com segurança a hora do bombardeio (termo excessivo, que emprêgo para não perder tempo á procura de outro) poderia esta cidade voltar aos seus habitos antigos, á perfeita normalidade de sua existencia.

Seria optimo para todos: governo, revolta e povo—os tres estados em que ha cinco annos está constituido o Brasil, fóra o de sitio, que é consequencia natural do segundo. "Dansar sobre um volcão" deixou de ser uma hyperbole arrojada.

O fluminense requebra o fadinho sobre o Vesnvio.

"Krupp e Quem comeu do boi?" Essa legenda em um escudo auiverde, com um Etna de um lado e a "mulatiuha do carço" do outro, entre galhos de fumo e café — eis as armas verdadeiras do Brasil, que eu teria proposto para substituir as que vingam sob o bafejo positivista.



Quem chama de povo medroso e covarde ao que fez a gloriosissima campanha do Paraguay, (para não falar nas lutas heroicas pela Republica, antes da independencia) e vae para as praias e para os morros ver as evoluções e combates da esquadra com as fúças de terra, sem temor ás balas que lhe esfus'am rechinantes sobre as cabeças, nada entende de psychologia, é um perfeito cego em tão delcada materia.

O que elle tem é uma quantidade estpnda de bom senso; só trata dos *seus negocios*, e entende por alheios todos aquelles em que não teve parte ou influencia directa.

Na opinião do meu amigo Chrispim Fz-Tudo, a que me referi, ha oito dias, o grande mal deste povo é ter sido educado por brocardos e rifões, visto que elles, ainda no pensar d'aquelle homem profundo, não são a sabedoria dos povos, mas a sua toleima, reduzida a pilulas.

Ora entre os rifões que nos ajudaram a crescer figuram com relevancia os seguintes:

"Com teu amo não jogues as peras," "Morrer por morrer, morra meu pae, que é mais velho," "Boa romaria faz quem na sua casa fica em paz," "Quem pario Matheus que o embale," "Quem as armou que as desarme," "Ande eu quente e ria-se a gente" "Falar é prata, calar é ouro" e outros muitos que taes.

Acho certa procedencia nessa observação do meu amigo.

Os rifões entraram em muito para a feitura deste no-so optimismo á prova de bala, mas a influencia do lundú foi maior, para não lembrar a da roupa-velha de raças de que provimos, a do clima e outras.



Ha um mez apenas que a revolta custodiana catrapuzou sobre nós e já todos estamos habituados a essa nova desordem de cousas—o governo, a revolta e o povo.

Bemdito e louvado seja o Deus dos Exercitos, que assim protege o Brasil, dando-nos tempera heroica á alma—para arrostar a morte, sem gemer, nem protestar, em chinellas de tapete, e boa enfiatura ás pernas —para dansar a polka.

JOSÉ DE EGYPTO.

CAVACOS MÊDICOS

(UM APITO VERMICIDA)

Diz muito bem Montain nas "Leçons de thérapeutique e de matière médicale: "Depuis l'humble violette, qui se cache modestement sous l'herbe fraîche de nos prairies, jusqu'au cèdre altier du Liban, qui perd majestueusement sa tête dans les nues argentines, tout est médicamenteusement dans la nature."

No doce e suave recinto do meu gabinete de estudo afaga-me, ha trinta e tantos dias, o espirito essa judiciosa sentença, mesmo ao troar da artilheria e ao sibillo das ballas que se cruzam nos ares, e que demonstram infelizmente a lucta fratricida na minha querida patria!

Afaga-me esse conceito o espirito, meu caro leitor, ao ter observado um caso curiosissimo, que eu entrego á consideração dos que peregrinam por este "valle de lagrimas" a tomar o pulso da humanidade e mandal-a que deite a lingua de fóra.

Meditem sobre o facto, estudem-n'o, observem attentiosamente, experimentem e me dirão se será mais um dos muitos caprichos dos "ascarides lombricoides," vermes cylindricos como as lombrigas da terra, ou se realmente existirá no "apito," n'esse pequeno instrumento de que nos servimos para chamar a policia, alguma substancia anthelmintica.

Lembrem-se das palavras de Montain e não se esqueçam do que diz Rabuteau: "Il ne suffit pas aujourd'hui de contempler les résultats complexes produits par une substance médicamenteuse ou toxique; la science thérapeutique est devenue plus exigeante. Elle cherche à dévoiler les secrets des médicaments, à pénétrer les actions qu'ils exercent non seulement sur les organes, mais sur les éléments anatomiques et les humeurs."

Ora... eu conto o caso como o caso foi.

Em um dos frios e azulados dias do mez de Agosto de 1893, dia calmo e sereno como os de outr'ora, em que viviamos na paz, esquecidas das agitações do mundo, auscultava e examinava eu, no consultorio, um dos habitantes d'esta cidade, quando repentinamente ouvi tocar a campainha do telephone.

Corro ao aparelho.

— "Prompto! quem falla?"—

— "E' o Dr. Sahen?"—

— "Sim, minha senhora"— respondi, percebendo voz de mulher.

— "Olhe, Dr., estou extraordinariamente afflicta, porque o meu filhinho acaba de engulir um apito e não sei o que hei-de fazer. Póde-me chegar até aqui? Faça-me este obsequio, tenha paciencia, porque estou excessivamente incommodada com este facto! Quem lhe falla é F., rua de tal, numero tantos."—

— "Bem, minha senhora, lá vou."—

E, pedindo aos consultantes o favor de esperarem, tomei o tilbury e fui vêr o menino.

Era uma criança de cinco annos de idade, de quem já eu tratava quasi desde o nascimento, criança adoravel, alva de neve, gorda, de formas roliças e torneadas como as de uma menina. Vivo, intelligente, esperto, com olhares de scintillações selvaticas, levadinho da bréca, como se costuma a dizer, estava fazendo ouvir o trillo de um pequeno apito, quando este escapasse-lhe pela bocca, escorrega-lhe pelo

pharinge e esophago e vai depositar-se na cavidade estomacal.

Era um apito d'esses que, ligado a um luxuoso cordão, costumam a adornar as "blusas infantis", como as que se vendem no "Parc Royal," Largo de S. Francisco ns. 10 e 12, estabelecimento commercial importante dos meus amigos M. Nunes & C.

O estado geral do menino, porém, não se perturbou, seu facies conservava-se sereno e placido e, depois de examinal-o minuciosamente e de indagar do modo pelo qual tinha-se dado o acontecimento, prescrevi-lhe 30 grammas de oleo de ricino e retirei-me.

O effeito do purgativo foi abundantissimo, mas só 48 horas depois foi que elle expelliu o apito pelo recto, acompanhado de um numero avultado de vermes intestinaes, longos e gordos.

A expulsão d'esses helminthos continuou a fazer-se ainda por algumas horas, em grande quantidade.

Ora, o facto é digno de attenção, tanto mais quanto eu já por varias vezes, tendo-lhe notado symptomas presumiveis da existencia de ascarides lombricoides nos intestinos, não só pela dilatação pupillar, pela tintura azulada da conjunctiva, como pelo aspecto picado da lingua, pelas dores pungitivas e dilacerantes no umbigo, a cephalalgia, a anorexia, prurido das narinas, etc., havia prescripto já diversos anthelminticos, sem o menor resultado favoravel.

Sómente ás vezes durante os seus innocentes e angelicos folguedos infantis, era despertado por vivo prurido na periphéria do anus e gritava.

Achegava-se-lhe o pai e extrahia-lhe um "ascaride lombricoide" que placidamente pendiam do orificio que estaciona junto ao "coccyx." Esse facto coincidiu sempre com a conjuncção lunar, o que justifica a minha opinião que durante muito tempo se fixa no meu cerebro.

No começo da minha carreira clinica e já nos tempos academicos eu zombava da influencia que os medicos antigos attribuiam á lua no apparecimento de certos e determinados phenomenos pathologicos; hoje, porém, pela larga observação, ligo grande importancia ao facto, em relação principalmente ás molestias do systema nervoso e aos vermes intestinaes.

DR. SAHEN.

O RABBI DA GALILÉA

A minha mãe.

Correram-n'o a pedradas de uma cidade maldita! E Jesus, o pallido Jesus da lenda, sem mesmo voltar o rosto seraphico e moreno para os que o injuriavam e feriam, affastou-se placidamente, serenamente, da cidade sem fé, onde mais tarde e por um justo castigo celeste, as vinhas não se encheriam de cachos da côr do sol, os campos tornar-se-iam estereis e os roseirae deixariam de florir em grandes rosas rubras como os roseirae de Jerichó.

E, seguindo a estrada immensa e deserta, ouvindo ainda e ao longe a grita infrene dos que o perseguiam, elle, o apostolo da luz, o rabbi que curara leprosos e sarára enfermos, elle o feiticeiro divino, que dera vista a cegos e

resuscitára um morto, scismou então, pela vez primeira na maldade cruel dos corações humanos.

Jesus caminhava em silencio e entregue a dolorosos scismares.

Veiu-lhe á idéa a recordação, ao mesmo tempo suave e triste, das bellas manhãs da Galiléa, quando elle partia ao sabor da aragem, pelas estradas cercadas de vinhedos e oliveas verdes, e descia até os campos luminosos de sol e de seára loura, a pregar a sã moral nos pastores das collinas e aos vinhateiros dos arredores.

E á sua imaginação occorreu tambem aquella poesia meiga das tardes tepidas e poeticas da Judéa, quasi ao expirar do sol nas nuvens do poente, por detraz dos montes longinuos; d'aquellas tardes silenciosas e cheias de uma meiguice extrema e infinita melancholia suave, em que elle, sentado n'um banco tosco, á porta da choupana humilde, explicava a Martha e a Maria o segredo ineffavel e divino das celestiaes bondades, incognosciveis para as almas terrenas.

E pela sua retina, placida e tranquilla, passou, como uma visão bemdita, tocado de neve, tocado do luar, o rosto pallido de Maria, a pura, Maria, a santa, livre do peccado e filha dilecta do Senhor dos Justos.

Jesus scismava.

O seu vulto austero passava sob os cedros antigos de ramalhosas frondes; trajava uma tunica de linho alvo, que lhe cahia aos pés calçados de sandalias de couro e sustinha-se a um cajado, o mesmo que lhe servira para amparar-se quando descera as collinas de outras cidades, e subira montanhas e atravessara as estradas de Capharnaum, quando ia pregar aos pescadores e aos que lhe queriam ouvir dos labios doces a sã palavra divina e o celestial e bom preceito do amor dos justos na terra, n'esse valle de lagrimas immenso, por onde as almas passavam arrebatadas no pelago vertiginoso do vicio.

Os cabellos negros cahiam-lhe em cachos sobre os hombros e a barba, que lhe emoldurava o rosto moreno, repleto de uma doçura infinita, de uma serenidade austera, era da cor das amoras maduras nas amoreiras em flôr.

E Jesus caminhava em silencio.

Era meia tarde. O sol, já um tanto fraco, coando os seus raios atravez os ramos das oliveiras, punha reflexos d'ouro na areia dos caminhos invios.

A aragem passava, ciciando leve nas frondes altas, e as aves entonavam ainda no ar as ultimas melodias querulas dos seus canticos.

De instante a instante o rabbi detinha-se para olhar em torno e escutar ao longe se a multidão dos homens máos continuava a perseguil-o; depois, como lhe parecesse mergulhada em profundo e imperturbavel silencio a longa estrada que viera de percorrer penosamente, e se sentisse ao mesmo tempo fatigado, Jesus chegou ao planalto de uma collina e parou para descansar.

Sentou-se sobre uma pedra, sob o docel de uma arvore annosa; ao lado uma fonte suspirava intermittentemente a sua eterna prece piedosa e deixava correr a agua crystallina e fresca n'um longo fio de perolas nitentes.

Que bello sitio aquelle!

O caminho, tapetado de relva, perdia-se á direita e á esquerda em dois atalhos floridos, onde se abriam pomposamente, triumphalmente, as folhas d'ouro dos grandes lyrios de corôas jaldes; uma brisa suave emballava o

cimo das oliveiras plantadas em renques e os laranjeiros, cobertos como que por um véo de luar, espalhavam no ar morno um perfume ao mesmo tempo grato e embriagante, um perfume virginal feito do halito dos anjos, da respiração terna das visões celestes.

E, Jesus, embriagado por esse aroma casto e virginal que fluctuava no ambiente e se espalhava por tudo, deixou pender a cabeça sobre o peito e reconcentrou-se de novo.

Novos pensamentos sublimes como que vieram pousar-lhe sobre a fronte; apenas o seu peito arfava de quando em vez e o seu rosto resplandecia, como se a luz, prestes a expirar de todo nas dobras do negro manto da noite, viesse depor-lhe na fronte um longo beijo luminoso e casto.

Em que scisma, rabbi?

Ainda na impiedade dos homens; nesses mesmos homens que ha pouco o repudiaram e correram a pedradas porque elle, o precursor do Deus clemente, ousara apontar-lhes o céu azul, para o seu olhar sempre de uma limpidez de velludo brando e macio, como sendo a morada celestial da eterna felicidade humana.

E o desanimo como que viera aninhar-se no seu peito. Nunca a descrença o ferira tão profundamente pela voz dos homens como agora; nunca as almas terrenas lhe tinham apparecido tão cobertas do lodo impuro do vicio, da maldade cruel que os corações devora e arrasta; nunca essas almas lhe tinham apparecido tão cobertas de trevas como ha pouco.

E o rabbi sentia-se vencido, sentia-se subjugado.

Já não tinha forças para prégar aos povos a verdade sublime, que, por uma celestial inspiração, lhe brotava d'alma e lhe vinha explrar nos labios, na verdade piedosa, amada por esse que guiava o mundo, e que sentia em si, inspirando-o a que exhortasse os corações transviados, os corações sem luz — sem a luz quente e benéfica do amor.

Já não tinha a coragem bastante de enfrentar os homens e discri-lhes, apontando o infinito céu azul, que lá, n'esse manto luminoso onde pairava a noite e onde cantava a aurora, lá, nessa esphera brilhante onde o sol resplandecia e as tremulas estrellas d'ouro tinham scintillações de diamantes, lá nesse paramo distante, existia a justa dadiua de um recanto do céu para os piedosos e crentes, e o castigo eterno para os máos e impuros de sentimento!

E de tal modo estava o rabbi entregue aos seus dolorosos scismares, que não se apercebeu sequer da chegada de uma nuvem de pombas brancas, mas tão alvas e tão puras como as almas dos crentes.

As forasteiras aves pousaram no caminho debicando a areia e soltando no ar uns arrulhos meigos, suavissimos. Não deram tambem pela presença de Jesus, tão immovel estava este, e silencioso e mudo.

Depois, como o dia fosse morrendo aos poucos, numa agonia lenta, e as sombras começassem a descer sobre a collina, as pombas voaram para longe, tatalando as azas diaphanas; apenas uma, a que excedia em brancura a todas as outras, deixou que o bando se sumisse no espaço e abrindo o véo leve, foi pousar sobre o hombro do rabbi. Jesus não se moveu: parecia adormecido.

E a noite veio baixando triste e silenciosamente e dentro em pouco cobriu-se a terra de trevas e a flôr do céu, como num campo azul, surgiu, tremulo e rutilo, o rebanho lucido das veladoras estrellas.

II

Quando as nuvens do levante começaram a apparecer douradas pelos primeiros raios da aurora, na terra se fez um primeiro rumor brando e tenue como o rumor tenuissimo da primeira prece. A pequenina pomba branca adormecida sobre o hombro do rabbi despertou e ensaiou o vôo na meia luz da manhã, mas, ao partir, roçou-lhe a fronte com a ponta de uma de suas azas flexiveis. Elle ergueu o rosto e o seu primeiro olhar foi para a luz brilhante.

O sol, que subia agora pouco a pouco, rasgando as nuvens do levante, — como pedaços de purpura custosa, — enviava para sobre a collina os seus raios benéficos. Mais um instante e elle entornava sobre a cabeça do Justo os seus reflexos d'ouro fino, que abriam em torno da sua cabelleira annellada como um vivo e claro resplendor da chamma.

O rabbi ergueu-se e tomando o cajado desceu por um dos caminhos da collina, aquelle que lhe pareceu mais silencioso e menos povoado.

Mas, após ter caminhado alguns passos, chegou-lhe aos ouvidos a melodia grata de uma canção longinqua, cantada pela voz de uma mulher.

Deteve-se e o seu primeiro movimento foi para retroceder, mas pelo caminho que descia appareceu, no alto, um rebanho de ovelhas da cor do linho maduro, ballando timidamente, e o som do cálimo rude do pastor ressoou no ar.

E elle então, resolutamente, firme, seguro ao cajado desceu... desceu a encosta da collina que ia ter a Sicheim.

Já agora a manhã expandia todo o seu brilho e espalhava a sua luz dourada pelos caminhos transformados numa alva e comprida esteira luminosa; a povoação começava a delinear as suas choupanas e casas brancas e o arrulhar dos pombos soltos e o cantar dos ninhos agrestes confundiam-se com as vozes dos pastores e das mulheres das casas proximos.

De repente Jesus estacou: tinha chegado ao sopé da collina e, bordada de pomares rescentes e claros, achava-se em plena cidade, onde corria de bocca em bocca a fama dos seus milagres e de alma em alma a fé pelo seu nome: allí, a poucos passos uma multidão composta de mulheres e homens e crianças, avisados por um pastor do logarejo, viera esperal-o á descida do monte verde.

— Rabbi! gritaram os homens tremulos.

— Jesus! repetiam tremulas as mulheres.

E as crianças estendendo os braços flexiveis e rosados para o seu lado balbuciavam como os paes:

— Jesus!

Mas, o rabbi recordou-se subitamente dos homens que, na vespera, o haviam injuriado e corrido a pedradas da cidade sem fé e os seus olhos, molhados de uma ternura immensa, ergueram-se da terra para o céu, como para pedir-lhe conforto e protecção.

— Rabbi! continuavam a implorar homens.

— Jesus! repetiam as mulheres por entre lagrimas.

E as crianças, rindo:

— Jesus!

De subito, porém, o seu rosto illuminou-se, resplandeciu ao clarão de um sorriso angelico e puro e o que os seus labios não puderam balbuciar, disse-o secretamente o coração no peito:

— Meu Pai! se os homens me injuriaram porque não hei de ouvir as supplicas dos innocentes!

E baixando, os olhos, cravou-os nas mulheres de Sicheim e exhortou-as:

— Mães! deixae que os vossos filhos venhama mim!

E estendeu os braços com para receber de uma só vez todas as crianças que corriam para elle de braços abertos, risinhas, numa alegria alacree ruidosa, como um bando de pequeninas auroras.

LUIZ ROSA.

GAZETILHA LITTERARIA

Do Sr. Mario de Alencar recebemos a seguinte carta:

" Illm. Sr. Director d'A Semana. — Capital, 28-9-93.

Admira-me que o seu critico litterario, O Letudo, ainda não tenha lido uma nota que acompanha *Tracema*, desde a sua segunda edição, publicada ha algumas dezenas de annos. Si a tivesse lido, não duvidaria certamente do bom senso e intelligencia do editor da *Encarnação*, attribuido-lhe, como fez, innovações orthographicas em livros, que apenas e licia sob a unica responsabilidade do seu autor. Ainda é tempo porém, de modificar o seu juizo, que fez publico; peço-lhe que procure a dita nota, onde José de Alencar explica porque accentúa a preposição *a*, mesmo isolada, e porque não se sujeita ás regras arbitrarías sobre collocação de pronomes pessoas objectivos. Poderá então convencer-se de que elle õinha a luta consciencia do que escrevia, não lhe sendo nunca possível a confusão entre artigos e preposições, como insinúa o seu critico.

Si não lhe fôr muito custoso, rogo-lhe tambem que indique quaes os cochilos de composição e syntaxe descobertos nas paginas de *Encarnação*. Necessito conhecer os ditos cochilos, e como eu, necessitam tambem os leitores do livro. Em questões grammaticas não se fazem insinuações: apontam-se os erros. Todavia, desde já lhe declaro que quanto ao a convicção, de que, em composição e syntaxe, José de Alencar nunca cochilou: fã e continúa a ser um dos mais correctos escriptores desta terra.

De V. admirador e obrig.^{do} — MARIO ALENCAR. "

Posto de lado o azedume litterario que recoman as linhas desta carta, natural em pessoas pouco affeitas a lides de imprensa e, por isso, melindraves ao mais leve attricto, só nos resta loqvar o piedoso fervor com que o joven poeta exhibe a sua convicção acerca de não haver cochilado nunca seu illustre pae em composição e syntaxe.

O poeta esqueceu que até o bom Homero cochilava tambem. Só não cochila quem dorme de todo.

Quanto a indicar-lhe quaes os cochilos, não nos sobra tempo para tal. Os competentes que lerem *Encarnação* hão de encontral-os, como os encontrámos nós.

MANGUEIRA VELHA

Foi aqui. Neste tronco hirsuto, certo dia,
Viemos a data abrir das primeiras promessas....
Para nol-as doirar, sobre nossas cabeças,
Do alto, o sól através das arvores descia.

Contemplámo-nos. Tû, cujo rosto sorria,
"Não me esqueças!"—disseste, e eu disse—"Não
me esqueças!"

E afastámo-nos, pois que de tua casa, ás pressas,
Vinhã todos os teus procurar-te, Maria.

Esqueceste-me.... O sól, que as nuvens avermelha,
Não nos vio nunca mais namorados e ufanos....
Breves annos o nosso eterno amor findaram.

Seja sempre abençoada essa mangueira velha,
Essa que inda o conserva através de dez annos,
Mais do que nossos dois corações o guardaram!

PEDRO RABELLO.

CHRONICA DOS LIVROS

DEMOCRACIA REPRESENTATIVA—Do voto e do modo de votar, por J. F. de Assis Brasil. Rio de Janeiro, 1893. 175 pags.

Um precioso livrinho, precioso devêras.

Destinado á propaganda das sans ideias sobre o sagrado direito do voto e o modo de exercel-o, escreveu-o o grande republicano numa linguagem clara, nítida, precisa, singela, incisiva como a luz meridiana.

E' admiravel o poder synthetico com que foram redusidas á sua formula mais simples e mais clara as idéias mais adelantadas e mais criteriosas, sancionadas pela observação e pela experiencia, ácerca de tão interessante assumpto.

E' um livro de pensador e de propagandista, que vem prestar á causa da democracia representativa serviços tão grandes e tão valiosos como "A Republica Federal," em que Assis Brasil revellou a sua competencia para estes trabalhos.

Damos em seguida os titulos dos vinte capitulos: "Fundamento do voto; Do facto de ter defeitos não se segue que o voto não seja util; Competencia do povo; Quem governa é a sociedade, não a maioria; Quem deve votar? Devem votar os analfabetos? Voto das mulheres; Os militares devem votar e ser votados? Um homem, um voto; Voto publico, voto secreto e voto obrigatorio; Mandato imperativo; Representação das opiniões; A representação das opiniões supprime as lutas irritantes dos partidos durante a eleição; A representação das opiniões embaraça a formação de colligações immoraes para eleição; A representação das opiniões favorece melhor organização dos partidos politicos; Vantagens da representação das opiniões no funcionamento do Congresso; Os partidos e a representação das opiniões; Criterio da proporcionalidade da representação; O systema eleitoral que eu proponho; Ligeira revista dos principaes systemas electoraes."

Nesta rapida noticia apenas damos a impressão geral em nós deixada pelo livro—a qual foi optima.

E' uma obra que deve ser mandada reeditar em uma enorme edição popu-

lar, para ser gratuitamente distribuida pela parte—mui numerosa infelizmente—menos illustrada do corpo eleitoral.

A SEMANA voltará em outra secção a tratar do Myro, estudando-o em cada um de seus capitulos.

Parabens a Assis Brasil pela obra excellente que fez e á democracia brasileira pelo grande serviço que lhe elle prestou.

CELESTE, (scenas da vida fluminense) por Délia, 1893. 330 paginas. Rio de Janeiro.

Estamos longe de partilhar a furiosa hostilidade que desvalvou (dão licença ao neologismo?) o nosso elegante collega e harmonioso poeta Osorio Duque Estrada contra as mulheres litteratas, artistas, cientistas, numa só expressão—contra as mulheres "intellectuaes."

E esta folha já disse porque.

Mas, se não jugamos justo nem util escorraçar o sexo lindo do dominio dos labores intellectuaes, tampouco approvamos a nimia benevolencia, a excessiva condescendencia com que de ordinario acolhe a critica (?) os referidos trabalhos.

Se uma mulher se sente irresistivelmente inclinada a escrever e tem as qualidades precisas—talento, gosto, conhecimento da lingua, embora as não tenha tão vigorosas como as que se encontram na media dos escriptores—porque vedar-lhe os lumbræes do templo—bem acanalhado, aliás, pelos mascates?

Dona Fulana tem muito mais geito para alinhar periodos que vestidos, para bordar idyllos que lenços, para compor madrigaes e novellas que calças defundilhadas—pois bem, que Dona Fulana siga a sua vocação.

Se não tem, é outro cantar, que vá ser uma mediocre dona de casa de preferencia a ser uma litterata detestavel.

"Délia," a operosa escriptora, deve ser classificada—de que modo? entre as ultimas ou entre as primeiras?

Entre as primeiras, responde o proprio implacavel confrade supracitado.

Entre as primeiras; ratificamos nós.

"Délia" é um escriptor; disemolono só na accepção adoptada pelos francezes, que não tem feminino para "escriptor e doutor," como tambem porque o seu temperamento litterario é positivamente masculino.

Para reconhecê-lo basta comparar os seus trabalhos com os de D. Julia Lopes de Almeida. Nos desta palpita, docemente emotiva, uma alma delicadissima de mulher. Os seus assumptos são colhidos no que tem a vida de mais doloroso ás vezes, mas tambem de mais puro, de mais respeitavel. As scenas e os episodios de seus contos e romances deixam no espirito do leitor uma impressão do que chamaremos "bem estar moral;" e isso sem hypocrisia, sem "pruderie," sem intuitos de moralisação proposital.

Não assim, Délia. Os seus assumptos são em sua maioria escabrosos, decotados, violentos. E' culpa sua? Não; é culpa do seu temperamento litterario.

A autora da "Familia Medeiros" é uma contemplativa, uma scisnadora, uma caçadora de Ideal, agil e forte, como Diana, e que persegue o seu gamo formoso e arisco através da floresta das realidades asperas do mundo, com o pranto n'alma e o sorriso nos labios.

"Délia" é uma amorosa, uma organisação callida e fremente de "vivedo-

ra," sempre sedenta, nunca saciada de vida.

A prova este romance—"Celeste." Que é a heroina do livro? Uma nymphomaniaca, um triste caso de erotismo atavico.

Foi elle, porém, bem estudado?

E' verdadeira ao menos a historia dessa infeliz?

(Não disemos verosimil, notem; e não o disemos porque, como ha tantos annos observava Boileau, o verdadeiro nem sempre é verosimil.)

Não o é. Essa historia é banal sem ser interessante e não é interessante por não ser verdadeira.

O leitor que acompanhou a vida de Celeste, que a vio procurar avidamente o prazer carnal, á custa de tudo, que a ella propria ouviu allegar o seu temperamento como attenuante de suas faltas ao marido e á mãe, vendo-a aos 8 annos impressionada por um gordo, tenor de cabelleira, aos 10 devorando romances de aventuras, aos 12 tendo insomnias ardentes a pensar na bella virilidade do poeta Zuzarte; aos 14 cahia em espasmos de volupia ao contemplar o poetico Dr. Cyro da Silva; o leitor não comprehende a castidade de Celeste quando a vê, apaixonada por Mario de Mendonça e maltratada brutal e injustamente pelo marido, conservar-se digna, e menos ainda comprehende essa abstenção heroica de Celeste depois de separada do marido, amando o tal Mario e crendo-se por elle adorada.

O leitor, que a vê, depois, repellar sem razão, por enfartamento só para mudar, amantes delicados, apaixonados, ardentes, como o conselheiro Marques e o Dr. Cicero Braga "um desses homens seductores e irresistiveis, dos quaes guardam as mulheres eterna lembrança e viva saudade", para lançar-se aos braços de donjuans idiotas, não acredita, não pôde acreditar na sinceridade do amor dessa mulher—prazer "(sic)" por seu cunhado Rodrigo e, por isso, fica frio e insensivel ante o desespero, e ar loucura della quando o vê morto de uma morte horrivel.

E esse Rodrigo—que parvalhão! Ama Celeste com extremos de Romeu classico e, entretanto, espéra que decorra um anno após a morte do marido della, seu irmão, que della vivia separado, que ella não amava, para vir do Recife ao Rio de Janeiro declarar á viuva o seu amor!

Chegado ao Rio, a primeira cousa que della ouve é convidado a ir morar com ella e, como elle recusasse, por um escrupulo comprehensivel, dizer-lhe:

—Creio adivinhar o motivo da sua recusa, por isso affirmo-lhe que pôde permanecer aqui, sem receio de especie alguma, "pois ha tres mezes que vivo completamente livre!" (pag. 282).

Em seguida Celeste conta-lhe toda a sua vida libertina, sem nada omitir... (E lembrem-se que ella mudava de amantes como de roupa (pag. 225)—o que devia fazer um amante por dia, pelo menos, visto os seus habitos de asseio!)

Pois o tal Rodrigo, depois de ouvir toda aquella edificante e longa historia, desata a chorar como um bezerro desmamado sobre a cabeça da "redimida"(!) e... pede-lhe a mão de esposa!

Esse typo, no emtanto, por inverosimil que pareça, não deixa de ser verdadeiro.

Ha desses paspalhões em abundancia e sem elles não seria tão numerosa a aça dos Menelaus.

Manda porém a justicia declarar que ha no romance alguns typos bem estu-

dados, felizes—o Venancio, o Arthur Medeiros, a "Bá", o Mario de Mendonça, o Raul.

O typo de Candida seria aceitavel sem a inexplicavel aberração moral que faz daquella mãe, tão amavel e exemplar, uma descaravel e monstruosa mãe, que odela e desherda cavilhosamente a sua filia unica por inveja dos seus triumphos amorosos!

Em summa, "Celeste" não é notavel nem pelo fundo nem pela forma. Não é um romance suggestivo nem ethica, nem estheticamente. "Della" ainda não tem estylo. Narra sem elegancia nem graça, nem vigor—apenas com habilidade. Não queremos parecer animado de má vontade, apontando graves desculdos e erros de forma, bem numerosos, infelizmente.

Apezar de todos os seus defeitos e imperfeições, ha comtudo, em "Celeste" a revelação do estylo de um romancista:—uma certa aptidão descriptiva, accentuada habilidade de narrar, facilidade de dialogação.

Não desanimem a autora: estude os mestres, cultive a lingua, desenvolva aquellas qualidades e contará, por fim, mais triumphos nas lettras que Celeste nas alcovas.

O. LETUDO.

BEM TE VI!

Pelos laços de amor Elimia e Lauro
Presos viviam, preibando os gózos,
Que no céo desfructar as almas devem,
Isentas de peccado: ambos formosos,
Ambos na flor da idade, ambos felizes,
Sonhando, cada qual, doces venturas,
Eram, quæes duas flores num pedunc'lo.
Da inais terna affeição firmes protestos
Mutuamente fazendo a cada instante,
De taes amantes o viver ditoso.
Ao mais ditoso par causára inveja!
Nunca ausencia cruel os separára:
Que se da vista corporal privados,
D'ambos n'alma presente estava a imagem:
D'Elimia o pensamento era o de Lauro,
De Lauro o pensamento era o de Elimia.
Muita vez, ambos juntos, conchegados,
A um tempo o mesmo termo profetiam,
Qual de bivalva concha braaca perola.
D'ambos as mãos entrelaçadas eram
Para o travesso amor cerca mimosa.
D'ambos nos olhos, que eloquencia muda,
Quando das rosas saltitando em torno,
Dourados colibris uaindo os róstros
Se beijar pareciam!.... Quantas vezes
Chegada a vez da despedida, nunca
De vez se despediam!.... Que alvoroço
D'ambos no coração, quando de novo
Após ausencia curta se reviam!....
Tal de tão extremos amadores
Era o viver feliz. Mas negra nuvem
Veio o sol empanar de tanta dita.
Elimia era mulher anjo não era....
Na rosa, na cecém, na flor mais bella
S'unsinha roaz vérmes damainho....
Lauro tem um rival!.... Por mór desgraça,
Preságo o coração lhe não batéra.
Linda aurora raiou: formoso dia
Ao colloquio de amor o convidava.
Eil-o que parte sóffrego, na mente
De ver a Elimia antecipando o gósto.
Chegou; ella o não vê; nos braços d'outro,
De Lauro não se lembra em tal momento.
"Elimia, minha Elimia...." A taes palavras
Veloz fuge o traidor; mas Lauro o avista,
E repellindo a amante que o buscava,
"Foge, foge tambem, mulher ingrata!...."
"Perdão, Lauro, perdão...." "Tão negro crime
Nem no céo, nem na terra se perdôa."
Disse; e pallido e tremulo nesse instante,
Sólta esurdente gargalhada!.... Os olhos,
Que exorbitar parecem, sobre Elimia
Com furor concentrado então fitando.
"Bem te vi; bem te vi, ingrata!" exclama.
E p'ra longe afastando a amante, corre,
Divaga ao longo do jardim: Elimia,
Em pranto, facil á mulher, o segue;
Mas Lauro sem cessar só lhe responde:
"Bem te vi, bem te vi, mulher ingrata!...."
Justo crime o desditoso amante
Enlouquecer fizera.... Insomne, exhausto,
A noite d'esse dia a eterna noite
Deu ao seu padecer. Elimia, a ingrata

Penitente, chorou a vida inteira:
E como por castigo a cada passo
Na campesina habitação ouvira
As tres palavras pela voz das aves.

Crendice popular affirma e jura
Que este amante infeliz mudado fóra
N'essa ave, cuja voz distintamente
"Bem te vi, bem te vi, diz, e repete.

Rio de Janeiro, 1º de Junho de 1891.

DR. CASTRO LOPES.

OS QUE SURGEM

D. AMOR

CAPITULO III

— excerpto d'uma tentativa de
romancete historico—

Esther era filha de Elesiar e nascera como a Virgem Maria, em Nazareth, a terra do myrto, a terra das rosas, a terra das palmeiras. A mãe, uma judia de Bethlehem, deixára o mundo quando ella ainda dous annos não fazia que a viera, e como Elesiar negociasse em sedas e brocados e fizesse o trafico de perolas e incenso entre Yaffa e Tripoli, logo ella passára a viver na caravana, balouçada no doas dos camelos, percorrendo Aleppo, Antioquia, de Bairut a Acre, de Jerusalem a Damasco, vida errante, vida bohemica, vagueando numa peregrinação constante, entre terras do Islam e povos d'Israel, entre o mar e o deserto, entre a Syria e a Palestina.

Aos dez annos ella ajudava nas feiras o pae, a vender os punhaes, as cimitarras d'Alepo, a desdobrar as peças de Damasco, as coichas bordadas; e já bella, com os seus grandes olhos cõr de trévas, os seus cabelos cõr de noite, os ricos mercados achavam-na bonita, e quando a rapariga offerencia um bulhão adamasquinado ou um yatagan maior que ella, a venda rendia mais, como se as armas vindas das mãos pequeninas da encantadora judia levassem consigo um talisman invencivel e feliceiro. Sob o céo transparente do paiz dos sonhos e das lendas santificadas, Esther, crescida entre tapeçarias caras e estoffos preciosos, tornara-se vaga e mysteriosamente ambiciosa; na vida preguiçosa que levava, emballada ao passo d'um dromedario, pelos longos dias calmosos e abafados de jornada, acostumara-se a matar o tempo, sonhando amores e aventuras, adormecida, vaga como os desertos andados, pasmada, absorta ante o sonho ideal que ella amalgava...

Oh! dagas de Damasco, oh! perolas d'Ophir, oh! brocados de Smyrna, oh! sedas d'Alexandretta, oh! oliveas da Palestina: terra mystica das areias e do deserto, S. João d'Acre—a praça forte e sinistra, Jerusalem—cidade santa do Calvario, Antioquia—antiga rival soberba da soberba Roma, vós, oh! poemas de granito, oh! lendas da terra santa, oh! sonhos vivos de fantasia, todo, todo, oh! Oriente, desde a Arabia deserta até ao Bósforo d'aguas adormecidas, onde correm as tartanas e se banham de noite as estrellas do céo; oh! encantos mysteriosos do antigo Paraiso, terra da fé, que viste nascer Jesus e Mahomet, o profeta bondoso da caridade e o profeta terrivel das batalhas; paiz de beduinos e das arcarias mouriscas, paiz do crescente e da estrella dos Magos, velho feudo d'Heródes, terra de visio-

narios, sonhadóres, poetas, paiz mirabolante das mesquitas e dos harens, oh! cheiks, oh! kalifas, oh! omira, oh! fausto e pompa dos turbantes, das tunicas de brocado, dos yatagans, das cimitarras, tu que fóste a terra dos sonhos, a patria da poesia, o berço dos amóres, dize-me o que se poderá sonhar sobo teu céo transparente!...

A lua era um feitiço, era um feitiço doce, era um feitiço pallido; Jerusalem era a cidade santa dos christãos. Nos tempos dos crusados por ella se havia muito batalhado e nos seus campos grandes pelejas se feriram. Esther sabia, que lh'o disséra um dia um rabbi de Bethlehem, que da Europa vinham á Palestina guapós e bellos cavalleiros, que sabiam cantar e manobrar uma hacha d'armas, em comprimento de votos d'amor, e que d'antes os grandes fidalgos vinham combatter na Terra Santa, para estenderem a nomeada de seus feitos, como os ibis que procuram o ardor assassino do sol para abrirem as azas e pairar magestos na gloria das alturas.... Assim, a cada um d'elles que Esther encontrava, ella saudava-o: "Deus o acompanhe e ao seu amor, Sr. Cavalleiro!" e scismava nas namoradas do Occidente, louras, d'olhos azues de céa, muito azues, pallidas e brancas, muito brancas, nétas dos gólos, vivendo em castellos sinistros, rodeados de fossos e onde se entrava por pontes que se desprendiam das muralhas. As mulheres de lá, de quem ella tinha inveja, inveja má, inveja cruel, não devlam ser como as da Judéu, d'olhos negros, illuminados d'uma luz sombria, olhos sonhadóres, olhos tristes, grandes cabelos tenebrosos, enredeiros de corações, tentações negras de mysticas paixões e por imaginação um thuribulo de perfumes dormentes, por falla um arrollo de caricias, mais doces do que tamaras, mais tentadoras que sortilegios, mais harmoniosas que as estrophes de David, mais cheias de melodia que as citharas dos anjos, mulheres d'amor, mysteriosas, tristes, meigas, sonhadóras.

Luar, luar, luz mystica de sonhos, poesia dos céos, pelas noites ennevoadas, pelas noites limpidas, tu és sempre o sorriso do firmamento, a primavera da noite, tu és o perfume da escuridão, tu és o filtro doce que nos accorda para as saudades, tu és a paz da luz, tu és creença de poetas, tu vertes da tua essencia luminosa a luz branda do nacar e das perolas; no teu fuscio a humanidade espalha mil sonhos doidos, na tua luz andam soitos os pensamentos dos poetas, os suspiros das namoradas, o sorriso das virgens...., luz mystica de sonhos, luar, luar, onde resplandeces tu mais que no Oriente, a terra da Virgem macerada e pallida?...

A voz d'Esther era dolente e vagarosa, as suas maneiras pareciam de favorita d'um émire e o seu olhar alquebrado, perdido, tinha a fascinação dos filtros d'encantar.... D'uma preguença oriental, estendendo sempre os braços, carregados de braceletes, com um andar quasi arrastado, Esther era o typo perfeito e completo d'essa belleza fascinante e tragica que nasce pela Syria e pela Arabia.

Quando Esther fóra a Trebisonda e vira a cidade das arcadas, e as mulheres envoltas em gazes, e as lojas abarrotadas de estoffos d'Armecia, de colgaduras d'Athenas, os xaires e jaezer que vinham de Constantinopola, as armas de Toledo, mais flexiveis do que vimes, a bella e louca israelita quizéra desde logo alli ficar, deixando para todo o

sempre as caminhadas na caravana, entre a poeira da estrada, a ver o sol hoje levantar-se embrulhado n'um manto de purpura, amanhã erguer-se n'um irradiamento ethereo, côr d'anil, hoje baixar atraz dos arecos com um diadema d'estrellas, depois cahir sobre os minarettos d'Alepo ensanguentando luminosamente a cidade, e aquillo um dia, e outro, a mesma coisa, quer fosse o Sinai que se esbatessse na sombra do horizonte ou a bella Damasco que se agachasse entre os vislumbres... Cansaram-a as bellas noitadas ás estrellas, com o véo das constellações sobre todos os sonhos, ouvindo o cantar d'um rabbl, triste, dolente, sepulchral, ou o urrar dos camellos, pela noite... Andava farta das jornadas da Syria, adormentada entre sedas, embriagando-se de haschiché..., e nos seus grandes olhos os seus olhos negros, os seus olhos lindos, tinha ficado o vágo desconsólo dos anceares insatisfeitos, profunda melancholia que lhe ameigava a luz triste do seu olhar dôce e terno e meigo...

De Trebisonda fôra a Bagdad, a cidade encantada do kalifado do Oriente, a Granada da Arabia, com os seus terraços, as suas mesquittas, os seus minarettos sobrepujados por crescentes, a bella terra de onde o céo roubava as huris santas, a capital oriental da Mourama, vasto templo d'amor, com o palacio do kalifa aberto ao sol, como um sonho de deleites, com os seus corredôres arcados de jaspe, os pavimentos encrustados de agatha, as grandes naves abafadas de brocados, mulheres envoltas em vestes preciosas, deitadas em tapetes de Smyrna; escravas abandonando com grandes leques de pennas de cysne e de pavão; perfumes e incensos crepitando em braseiros e perfumadores de cõbre reluzente; cadeados sustentando lampularios, pendentes de altos tectos, irradiantes de dourados; escudos e dagas pendendo dos muros e grandes mantos trançados de prata e torsaes, verdes, vermelhos e amarellos, cahindo ante portas, arrastando pelo marmore do chão. Atravez a atmosphera, impregnada da fumaça dos perfumadores, as grandes arcarias, rendilhadas, de porfiro, de alabastro e de granito, altissimas; as paredes em que se desdobravam grandes colchas e telas de côres fantasiosas; imans guardando as pórtas, com grandes lanças ornadas de clinas de cavallo, a luz magica coada pelos vitraes multicolôres do tecto, um cumulo de fascinação e encantos, morada deslumbrante onde appetecia amar. Ao fundo, sob algum estrado enorme, enfeitado de tapeçarias, deitado num divam, entre coxins, o émír, embrulhado em véstes côr d'oiro e purpura que arrastavam pelos degraus, fumaria n'um nargilé de ambar, enquanto quatro escravas cantassem, tocando cythara, e a bella favorita, alguma armenia d'olhos verdes, se encostava ao hombro d'elle, seminúa, com o pescoço envolto em fios de perolas e rubis...

Em Bagdad, nas praças publicas, as rameiras offereciam-se núas, agachadas á porta do alcoice, perfumadas e tentadoras, e Esther ia fallar com ellas, de noite, ás escondidas, saber de nóvos gosos, que ella pedia para lhe contarem, friamente lubrica no meio de todo aquelle vicio, olhando-as com desprezo, como rainha poderosa... A bella judia poderia já ter tido mais do que um amante, mas fazia-a gosar mais o tórpor dos desejos esfaimados;... Depois ella tinha lá o seu sonho d'oiro e d'esmeralda, leido nas meditações fantasticas

da sua poetica tristesa. Um dia, um beduino fallara-lhe em amores, n'uma escravidão perpétua, n'uma bella miragem feliz, ella voltára a cabeça embrulhada nos cabellos pretos e desfeitos, e puséra-se a seguir ao longe um vôo muito alto de cegonhas que pairavam no azul... Tinha góstos extranhos, prazeres mórbidos que a deleitavam; assim, ella adornava-se de jasmims, de rosas, de myrtho, d'acucenas e de lyrios e adormecia entre as flôres, desmaiada de perfumes e odôres... No seu olhar, vendado de mysterios, havia ás vezes uma luz má de gatto bravo e em tempo como Eliesiar a quizesse casar com um rico mercador de Trebisonda, Esther jurára por Abrahão apunhalar-se antes que ser a sérvia de tal senhor.

O cavalleiro andante dos seus sonhos doirados, o bravo fidalgo do Occidente para quem ella guardava a virgindade, por quem ella guardava a virgindade, por quem ella esperava sempre com uma fatidica fé, tardava-lhe porém; havia já um anno que o esperava, com os cabellos soltos e o seio papitante de desejos e ainda os seus braços se não tinham prendido ao pescoço do sonhado namorado.

CARLOS DIAS.

DEPOIS DE UM ARRUFU....

Disseram-me de ti feios horrores....
G. Crespo.

Mãos de ti mal disseram, minha amada,
E os ouvidos encheram-me de horrores....
Nem sabes tu que negros amargores
Triste soffreu minha alma angustiada....

Eu te sabia boa e immaculada,
A flor mais pura entre as mais puras flores;
E taes cousas forjaram malfeteiros.
Que a ventura minutos vi toldada ...

Entretanto varreu-se a tempestade,
E tu brilhas no céo com tal fulgor,
Que me é bastante a tua claridade....

Vivo da luz desse astro bemfazejo;
Nada mais sonho, nada mais desejo,
Minha vida, minha alma, meu amor....

Setembro, 1888.

RODRIGO OCTAVIO.

Factos e Noticias

A POLITICA

Foi no dia 6 de Setembro que os navios da nossa esquadra se revoltaram, sob o commando do contra-almirante Custodio José de Mello.

A situação hoje, 7 de Outubro, é ainda a mesma: os navios continuam revoltados, guardando a mesma attitude, ora bombardeando Nitheroy, a Armação, as fortalezas, ora atirando para a cidade *schrapneils*, granadas, balas de canhões-rewolvers.

Além da corrida do dia 13, houve duas, ainda mais desesperadas, a 25 e 30 do mez passado.

Neste dia o panico foi terrivel porque se espalhára o boato de bombardeio com enorme intensidade e os consules avisaram os seus respectivos jurisdicionados para se ausentarem da cidade.

Felizmente o ataque limitou-se ás fortalezas, durando duas horas e meia; trocaram-se centenas de tiros; mas,

ao que parece, sem resultado pratico definitivo.

A imprensa que desde o começo tem commentado a revolta tudo tem feito para tranquilisar a população, quer garantindo a perfeita innocuidade das balas da esquadra, as quaes só, e muito raramente, matam uma ou outra criança, uma ou outra mulher; quer insinuando risonhamente que, graças á intervenção do corpo diplomatico, o chefe revoltoso não pôde mais atirar sobre esta capital.

Engodadas por essa mal entendida maneira de servir o povo, muitas familias têm regressado dos suburbios e pontos afastados para onde fugiram.

Entretanto, ante-hontem, ás oito horas da manhã cahiu sobre a cidade uma chuva de balas de canhão de tiro rapido e canhão-rewolver e algumas granadas.

Quem escreve estas linhas havia trazido sua familia no dia 4, illudido pelas seguranças de serenidade e paz que requeunavam as noticias e commentarios da referida imprensa.

Entretanto, vio ante-hontem a sua casa ameaçada pelas balas que zuniam e cruzavam sobre ella e teve de fugir novamente, levando a esposa e os filhos, em um terror que todos já conhecemos, infelizmente.

A imprensa, a que tem podido commentar os acontecimentos — esbraveja contra os boatos alarmantes; e, entretanto, ella põe em circulação uma especie de boatos muito mais temivel — *os boatos tranquillizadores*.

Antes os outros, porque a população, assustando-se, toma as suas precauções, foge do perigo; ao passo que os tranquillizadores, enganando-a sobre o risco que estão correndo os habitantes desta infeliz cidade, entregam-a inerme, indefesa, descuidada, á mercê dos canhões rebeldes.

Que a imprensa se limite a só noticiar o que é exacto, certo, provado; deixe-se de *constas*, não fabrique tambem boatos, que os seus são ainda mais perniciosos do que os que nascem pullulantes do anonymato popular.

Critério, juizo, sensatez, collegas!

Tenham pena de todos nós, do pobre povo a que pertencem e pertencemos. Se não lhes é permitido ou conveniente dizer-lhe *toda a verdade*, não lhe digam, ao menos, *senão a verdade*.

Deixou de ser nosso representante em Ouro Preto o Sr. Paulo de Roquemaure, e passou a sel-o o distincto poeta Zoroastro Pires.

Termina depois d'amanhã o estado de sitio que, com suspensão das garantias constitucionaes, foi decretado pelo governo a 25 do passado mez.

Fez annos a 4 do corrente o benemerito chefe republicano e venerando cidadão Dr. Prudente de Moraes. Aos votos que faz lodo o paiz pela sua saúde e felicidade junta *A Semana* cordialmente os seus.

Recebemos a visita dos Srs. Julio de Souza e Dr. Salvador Felício dos Santos, deputado estadual de Pernambuco. Agradecemos suas amáveis referências á "Semana."

OS COLLEGAS

Estando já prompta a nossa folha, sabido passado, não nos foi possível felicitar os nossos denodados collegas d'O *Pez*, que no dia 1 do corrente completou o seo 10º anno de existencia.

Fazemol-o hoje, pedindo á illustre relação licença para abraçá-la na pessoa de seu secretario, o infatigavel Jovino Ayres, que a uma actividade intelligente e incessante teue grande tino jornalístico.

CORREIO

Sr. M.—A sua quadra, que me parece de cabo de esquadra, não me quadra, porque de poetas quadrados estou eu cheio até á garganta! Andam a tres por dois, quando não chegam a andar a quatro por um (este um com aquelles quatro são a cabeça e os pés.)

Quando qulzer mandar peir á sua J... a "ardente luz" (diga logo: a lamparina) dos seus olhares, não faltará, em qualquer esqulna d'esta cidade, um constantino que se incumba de levar á nymphia o seu recado e as bobagens adjacentes. Será bastante que o cavallheiro pague ao referido "onze," "as onze." E como não tenho cera para espedir com ruins defunctos, apago a vela com que o alumiei por instantes.

Sr. R. S. S.—Pela carruagem logo se vê quem vem dentro. Bastou-me ver o papel em que Vossa Mercê destilou a sua "obra" para julgá-la. Por pouco que nol-a mandou em papel de embrulho! Quem tem na sua mesa de trabalho papel d'aquella ordem, é forçosamente negociante de seccos e molhados, mas muito mais de molhados que de seccos. Olhe: o meu amigo teria lucrado mais em embrulhar naquillo um naco de toucinho ou um pedaço de fumo torcido, do que o indigesto pirão do seu bestunto. Cerebro que em tal papel lança as suas elocubrações, deve estar naturalmente dividido em prateleiras.

O producto que nos mandou foi tirado sem duvida da prateleira das batatas, reservando vossamercê para si o que ha na de balxo e na tina da lavagem. Quer que lhe diga moço? Quando tiver papel sujo na venda, queira entregal-o ao lixello; não o mande para "A Semana" que já tem a sua cesta de papeis inuteis a transbordar das tolices dos que tem como o amigo, a cabeça cheia de cascas de cebolas.

Sr. ARCADIO—Ia quasi dizendo "alcuido," sem me lembrar que "alcuido" não é o Sr., mas, sim, a fazenda que nos mandou. Que espiga, safa! "A Helena" do seu conto está pedindo uma enfermaria. Santa Casa com ella! Tem cada escrophula grammatical, a desgraçada, que é mesmo um Deus nos accuda.

Está precisando mais de xarope de Ricod do que de publicação! Olhe: pomada de enxofre para sarnas é santo remedio. Mas aqui, que ninguem nos escuta, aquillo é mal que não tem cura.

Diz o illustre cidadão na sua "lengalengá" que os bons bucados são feitos para a boca dos macacos. "Bucados" vá elle!...

Tem toda a razão, e provo que a tem, negando-lhe o bom bucado da publicação do seu conto. Por mais macaco

velho que seja, não me faz metter-lhe a mão na combuca. Não trinca bom bo-sado, não; tão certo como tres e dois são vinte e sete, noveis fóra nabijas. Era melhor que a sua "Helena" em vez de andar a enrabichar-se por velhos nojentos, fosse... pentear macacos, por exemplo. Boa idéa, hein? Só assim o autor da marmellada, quero dizer: do conto, poderla andar com a cabelleira penteada.

Sr. JUCA RISONHO—Chorão de cemiterlo é como V. S. devia chamar-se. Ou isto ou, então, "jaburú moleque." Passa fóra!... Se não chorei lendo o seu conto humorístico, fol por honra da firma, palavra! Levei a engulir os soluços como quem engole pão secco de quatro dias com fome de oito!

Mas que creatura, esta! Mandar a uma pessoa desprevenida, como eu estava, uma geringonça com o rotulo de engraçada e assignada por um "Risonho," obrigando a gente a antecipar-se em desabotoar o botão da braguilha, e em comprimir o bantulho com as mãos ambas, de riso engatilhado, como quem val produzir uma explosão de gargalhadas, e... "búcte!" deitar-nos agua na fervura da alegria, pespegando-nos, apenas, no lombo, pilherias de catacumba, mais tristes do que um corvo com gosma e que parecem ditas por um defuncto tres dias depois de enterrado! Quem não tem pés nem cabeça não dá cambalhotas; por tanto, fóra da arena o gato pingado que quer fazer de palhaço! Livra! Que sexta-feira do anno passado!...

ENRICO.

THEATROS

Vão se reabrindo timidamente. O *Apollo* para offerecer ao povo *Abicaxi*, o *Varietades* e o *Recreio* varias peças de seu repertorio.

Estrear-se-á brevemente no *Polytheama* a companhia lyrica do Sr. Samson.

Está na capital o conhecido prestidigitador Hermann filho, que trouxe grandes novidades a exhibir.

Regressaram a Lisboa quasi todos os artistas da companhia do theatro D. Maria II. Dos artistas Rosa Damasceno e Eduardo Brazão recebemos um delicado cartão de despedida. Feliz viagem.

Vicente Reis arranjou para o *Apollo* uma peça intitulada *A Princesa Cenouza*. Ha de ser filha d'el-rei D. Nabo Não Sei Quantos. P. TALMA.

Tratos á bola

Charadistas illustres.

Devido ao pouco espaço e tambem ao pouco tempo de que posso hoje dispor, vou tratar de dar já conta de meu recado, e vou em seguida resar as minhas contas, porque as cousas, lá para que digamos, não andam nada boas.

D'esta vez veio em primeiro logar "Bibliophlo," mas, como não tivessees mettido o dente se não em parte das charadas, não recolheu o premio, o qual fica a disposição de "Amor Perfeito," que foi quem desembrulhou toda a meitada.

Em seguida vieram "Lilazia, Barbas de sebo, Fritz, Mata Cobra e Caucurena."

Diz um velho rifão que mais vale tarde que nunca, e é flado nisto que declaro aos meus leitores que o antigo de-

voto, "Valerius Madilena" dignou-se d'esta vez mostrar que ainda resa pela mesma cartilha, deciframlo as charadas do ultimo numero.

Infelizmente chegou tarde: o illustre devoto, console-se, porém, lembrando-se do que nos ensina o adagio antigo que diz que — quem perde dia não perde anno. E cá o espero de braços abertos.

As decifrações do passado numero, são as seguintes:

Namorado.—Seara.—Semana.—Anatolia.—Lima.—Asno.—Onsa.—Ovo.—Perrúa; do enygma: Cestello faz um cesto faz um cento; e da charada em termo: Zagari Garupa Ripalo.

Agora, nova dose. As armas, pois, charadistas:

ENYGMATA



& 1893

CHARADA ANTIGA

Na cella verás—1
Este santo varão—4
E aqui entre outros
Com certeza acharão.

MARQUEZ.

— PA — BA —
E' do Brasil
Logar gentil.

THIANOR.

Não já, porém com prazo não mui longo 2
Na fabula achareis esse animal 2
Muita gente a cabeça tem quebrado,
Em procura da chave terminal.

FEROZ.

LOGOGRYPHO
(Por syllabas)

Doce prova, ardente mostra
Do teu immenso carinho.—1—2,
E' esse lindo appellido—2—3,
Porque me chamas—anginho.

Doce prova, testemunho
Do teu affecto tão grande,
Que a ventura na minh'alma,
No meu coração expande.

LILAZIA.

Agora o fradeco:

Dobrada se mastiga—1
Dobrada a rir obriga—1
Tambem dobrada
Não custa nada—1
Roupa com dobra
Leva de sobra.

Leitor deita
Na segunda e na primeira,
Mas segunda com terceira
Fora deita.
O todo é bicho
Que tem capricho.

Neste montado—1
Nesta deitado—2
Por esta servido.
Mataste? Duvido.

E mais não disse por hoje.
Um premio onça pintada ao primeiro decifrador exacto.

E sem mais, aquellas, assigna-se em publico e reso.

FREI ANTONIO.

ANNUNCIOS

ESTABELECIMENTO
HYDRO E ELECTRO-THERAPICO

DOS

Drs. Avellar Andrade e Werneck Machado

115 — Rua Sete de Setembro — 115

Rua da Carioca, 12 e 14

FILIAL EM PETROPOLIS

CHAPELARIA AMERICANA

EM FRENTE A' CASA PASCHOAL

CARVALHO PORTUGAL & C.

133. Rua do Ouvidor, 133

Importação por todos os paquetes

Completo sortimento de chapéus para homens, senhoras e crianças, guarda-chuvas, bengalas, etc., etc.

Rio de Janeiro

Gabinete de Cirurgia e Prothese Dentaria

DE

A. F. DE SÁ REGO

1 — Rua de Gonçalves Dias — 1

Este importante e antigo Gabinete, tendo passado pela, reformas exigidas pelos processos da moderna odontologia, acha-se equiparado aos melhores da Europa pelos esplendidos aparelhos e instrumentos de que dispõe habilitando-o a apresentar trabalhos

ainda pouco conhecidos no Brazil

Collocação de dentaduras fixas, sem chapa, e sem extracção de raizes ou dentes

TRAVAIL A PONT

Extracção de dentes sem dor, por meio do *Coryl* de M. M. JOUBERT, de Paris. Aparelhos para correcção das anomalias de implantação, obturadores para a abobada palatina e veu do paladar, etc., etc.

Obturação e reconstrucção de dentes a ouro perfeitissimas.

Concerta-se qualquer dentadura que não esteja perfeita na bocca, mediante pequena retribuição.

Consultas e operações das 8 horas da manhã
às 10 da noite.

RIO DE JANEIRO

Dr. R. Rajardo

CLINICA MEDICA

Consultorio, Rua do Hospicio n. 22, das 2 ás 4 horas

Residencia Praia do Flamengo n. 96

TELEPHONE 5032

FABRICA ORPHANOLOGICA

DE

FLORES ARTIFICIAES

Ribeiro de Carvalho & C.

RUA DO PASSEIO

Têm sempre um grande e escolhido sortimento de grinaldas, flores, etc., etc

DR. HENRIQUE DE SÁ

CLINICA MEDICO-CIRURGICA

12, RUA PRIMEIRO DE MARÇO, 12

Das 12. ás 3 horas

Dr. Ed. Chapot Prévost

Lente Cathedratico da Faculdade

Gynecologia e Operações

23 — RUA DA QUITANDA — 23

Das 2 ás 4 horas

Reside na Rua Alice n. 3 — Laranjeiras

DR. VIEIRA SÓUTO

Medico e Operador

Especialidade : Partos e Molestias das Senhoras

Residencia e Consultorio :

RUA DOS ANDRADAS N. 6

Consultas de 1 a's 4 horas

Telephone 1138

PIANOS E MUSICAS

FONTES & C.

Rua dos Ourives 51

Telephone 1051

RIO DE JANEIRO

Papellaria LUIZ MACEDO

64, RUA DA QUITANDA, 64

Importação de papel de todas as qualidades.

Completo sortimento de livros e objectos para escriptorio e de fantasia.